

# A LUTA ENTRE EROS E TÂNATOS: UMA INTERPRETAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DA TEORIA DAS PULSÕES DE SIGMUND FREUD.

Daniel Antônio Castro Brumano

**Resumo:** A teoria pulsional freudiana gira em torno de uma dualidade, há duas tendências opostas em constante luta no nível inconsciente de nossa atividade psíquica. Em *Além do Princípio do Prazer*, publicado em 1920, Sigmund Freud tece a trama da sinistra dinâmica pulsional que envolve os nossos processos mentais. Para Freud, há na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, que é o princípio primário do funcionamento do aparelho psíquico. No entanto, “forças” ou “constelações” se opõem frequentemente a essa tendência primária. É sobre essa disputa entre essas duas pulsões que esse ensaio irá se debruçar, adotando como núcleo a teoria de Freud e a interpretação marcuseana dessa teoria.

**Palavras-chave:** Herbert Marcuse, Sigmund Freud, Eros, Política.

**Abstract:** Freudian instinctual theory revolves around a duality, there are two opposing tendencies in constant struggle at the unconscious level of our psychic activity. In *Beyond the Pleasure Principle*, published in 1920, Sigmund Freud weaves the plot of the sinister instinctual dynamic that surrounds our mental processes. For Freud, there is in the psyche a strong tendency to the pleasure principle, which is the primary principle of the mental apparatus functioning. However, “forces” or “constellations” are often opposed to this primary trend. It is this dispute between these two instincts that this essay will focus on, adopting as its core Freud's theory and Marcuse's interpretation of this theory.

**Keywords:** Herbet Marcuse, Sigmund Freud, Eros, Politics.

## Introdução

Neste ensaio buscaremos abordar a relação entre a dimensão erótica e tanática com a dinâmica de movimentos sociais e políticos contemporâneos. Tomaremos como base a teoria pulsional originalmente formulada por Sigmund Freud e a interpretação dessa dinâmica pulsional realizada pelo filósofo Herbert Marcuse.

Os pensadores da Teoria Crítica<sup>1</sup> foram os primeiros a utilizarem a teoria psicanalítica de Freud para realizar uma interpretação de fenômenos políticos e sociais. Se em sua fundação o Instituto de Pesquisa Social tinha como base o estudo do pensamento de Karl Marx, após alguns anos os integrantes do Instituto passam a conjugar o pensamento de Marx com a teoria psicanalítica de Freud, esse entrelaçamento ficará vulgarmente conhecido como freudomarxismo.

Esse breve ensaio terá como base essa inovadora interpretação psicanalítica da pesquisa social realizada pelos frankfurtianos. Inicialmente iremos abordar alguns importantes conceitos originalmente propostos por Freud. Em seguida adentaremos na interpretação marcuseana da teoria pulsional de Freud. Por fim, utilizaremos a análise desenvolvida para propor uma interpretação acerca de alguns aspectos que envolvem fenômenos sociais da contemporaneidade.

### Uma interpretação da teoria freudiana das pulsões

A teoria pulsional freudiana gira em torno de uma dualidade sinistra. Em *Além do Princípio do Prazer*<sup>2</sup>, publicado em 1920, Freud tece a trama da sinistra dinâmica pulsional que envolve os nossos processos mentais. Para Freud (2010a), há na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, que é o princípio primário do funcionamento do aparelho psíquico. No entanto, “forças” ou “constelações” se opõem frequentemente a essa tendência primária.

Numa busca do organismo para se afirmar diante das hostilidades que ele encontra ao se defrontar com o mundo externo o organismo irá substituir, por influência dos instintos de autoconservação, o *princípio de prazer* pelo *princípio de realidade*. Pois, aquela tendência primária para o prazer torna-se inútil e mesmo perigosa para autopreservação do organismo. Entretanto, o princípio de realidade não é contrário às exigências do organismo em obter prazer, mas, ele toma um caminho longo, indireto e

---

<sup>1</sup> Conhecidos popularmente como frankfurtianos, eram integrantes do Instituto de Pesquisa Social que era vinculado a Universidade de Frankfurt. Entre estes pensadores encontram-se Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, entre outros.

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: *Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos. (1917-1920)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010a.

cheio de rodeios até alcançar a meta primária. Nesse longo caminho até o prazer o princípio de realidade exige e efetua o adiamento da satisfação, a renúncia de várias possibilidades de obtê-la e, até mesmo, a aceitação temporária do desprazer. Contudo, o domínio do princípio de realidade não é absoluto e, por vezes, este é sobrepujado por instintos<sup>3</sup> sexuais inatos que são difíceis de serem controlados.

No longo processo de desenvolvimento do “Eu”<sup>4</sup>, numa busca por manter sua unidade, mecanismos de repressão irão segregar os impulsos inatos que sejam incompatíveis com suas metas e exigências. Mantidos em graus inferiores do desenvolvimento psíquico esses impulsos reprimidos têm suas possibilidades de satisfação bloqueadas e, ainda que alguns desses impulsos consigam obter alguma satisfação mediante desvios (sublimação), esse prazer é sentido como desprazer pelo Eu. Segundo Freud (2010a), os detalhes de como a repressão transforma essa satisfação sublimada dos impulsos reprimidos em sensação de desprazer para o Eu não são bem compreendidas ainda, no entanto, Freud descreve algumas hipóteses para essa dinâmica.

Para Freud (2010a), a *compulsão à repetição* – retorno do conteúdo reprimido, que traz de volta experiências que não possibilitam prazer – observada de forma sintomática, principalmente em indivíduos que passaram por grande trauma, evidencia a oposição entre o Eu e aquilo que foi reprimido para o inconsciente. O *reprimido inconsciente* é responsável pela compulsão à repetição que faz com que os

---

<sup>3</sup> Para se manter fiel a tradução de Paulos César de Souza utilizada, nesse ensaio os termos “instinto”, “impulso” e “pulsão” serão utilizados na maioria dos casos de forma indistinta, bem como os termos “impulsivo”, “instintivo” e “pulsional”. Em muitos casos o tradutor opta pelo uso dos termos “impulso” e “impulsivo”, como Paulo César de Souza explica em nota: “Impulsivo: tradução que aqui damos ao adjetivo *triebhaft*; as versões estrangeiras consultadas usam: *instintivo*, *pulsional*, *pulsionalità*, *instinctual*, *driftmatig* — sendo que na versão do argentino Etcheverry (a segunda) e na inglesa de Strachey (a penúltima) há uma nota lembrando que a palavra *Trieb* tem também uma conotação de ímpeto, de impulsividade, que falta à palavra “instinto”, como admite Strachey (e também à palavra *pulsión*, acrescentemos); por isso adotamos “impulsivo” nesse contexto” (FREUD, 2010a, p. 7). Na tradução de Renato Zwick também consultada, publicada pela editora LP&M, o tradutor explica opção pela utilização do termo “pulsão” para traduzir *trieb*: “O substantivo alemão *Trieb* surgiu no século XII, derivado do verbo *trieben*, que significa ‘impelir, impulsionar, tocar para a frente’[...] algo que propuliona, aguilhoa, toca para frente, não deixa parar, empurra, coloca em movimento. [...] No Brasil, a tradução do termo *Trieb* se polarizou entre “instinto” e “pulsão”, o que é um reflexo evidente do fato de a recepção de Freud em nosso país ter sido mediada predominantemente pela tradição anglo-saxã [...] e pela francesa (a leitura de Jacques Lacan e seus seguidores, que empregam *pulsion*). Ou seja: não se traduziu *Trieb*, mas os termos que foram propostos como seus equivalentes em inglês e francês [...]. (FREUD, 2019, p.37).

<sup>4</sup> Também traduzido como Ego em algumas edições em português. É uma das instâncias do aparelho mental na teoria freudiana.

eventos traumáticos retornem, frequentemente através dos sonhos, ao nível consciente do indivíduo. O Eu consciente e pré-consciente, servindo ao princípio do prazer, luta contra a liberação do reprimido que causa grande desprazer ao organismo, portanto, Freud conclui que essa compulsão à repetição não pode ser obra do princípio de prazer, mas, de outro impulso contrário. Esse retorno compulsivo de eventos traumáticos na forma de sonhos é uma exceção que Freud admite na sua tese do sonho como realização de um desejo reprimido. Estas manifestações de uma compulsão à repetição “exibem em alto grau um caráter impulsivo\* e, quando se acham em oposição ao princípio do prazer, um caráter demoníaco.” (FREUD, 2010a, p.146). Esse caráter demoníaco<sup>5</sup> é o ponto mais nebuloso da psique humana.

Se uma grande parte do conteúdo dos sonhos são representados por uma fantasia-desejo, portanto, ligada ao impulso inicial da busca pelo prazer, de outro lado, há uma parte desse conteúdo onírico que se acha em oposição ao princípio de prazer representando aquela compulsão demoníaca oculta no inconsciente. Nas palavras de Freud (2010a), um instinto seria um impulso presente em todo organismo vivo que tende para restauração de um estado anterior, ou seja, um impulso apresenta a natureza conservadora do vivente, a busca do organismo em retornar a um estado anterior que foi perturbado por forças exógenas. Apesar de admitir um caráter conservador e inato das pulsões, Freud salienta, por outro lado, que há uma plasticidade na dinâmica pulsional que parece confirmar que os instintos são historicamente condicionados e que existem impulsos que impelem à criação e ao progresso.

Nesse ponto, cabe tratar dessa natureza conservadora dos instintos. Para Freud (2010a), todos os instintos orgânicos são conservadores, historicamente adquiridos e orientados para regressão, essas características se devem ao desenvolvimento orgânico ocasionado pela influência dos fatores exógenos que perturbam o organismo. Seria contrário aos objetivos conservadores dos instintos buscarem, para o organismo sobre o qual ele atua, um estado nunca antes alcançado, portanto, seu objetivo tem que ser a busca por um estado inicial, que o organismo vivo abandonou ao longo de seu desenvolvimento. E esse estado inicial ao qual os impulsos

---

<sup>5</sup> Segundo nota do tradutor, Freud não usa o termo demoníaco (*dämonisch*) num sentido cristão, mas no sentido utilizado na Grécia clássica (*daimon*), designando uma força ou poder superior capaz de se apoderar do indivíduo.

## A LUTA ENTRE EROS E TÂNATOS

conservadores buscam conduzir o organismo é o estado inanimado anterior ao desenvolvimento da vida, o retorno ao estado inorgânico, ou seja, seu objetivo é conduzir o organismo para a morte. No início da vida orgânica na terra, esse “caminho para a morte” era fácil e rápido, no entanto, o desenvolvimento do organismo tornou o retorno ao estado inorgânico cada vez mais difícil e demorado.

A economia libidinal segue uma dinâmica tortuosa, enquanto os instintos de vida<sup>6</sup> perseguem a meta de fazer prosperar e reunir em unidades cada vez maiores o organismo, por outro lado, os instintos regressivos seguem o caminho contrário e buscam abreviar o caminho do organismo em direção à morte. Freud chamará de instintos de morte essa tendência da vida psíquica para regredir a um estado inanimado, esse impulso em diminuir e abolir a tensão externa dos estímulos. Do instinto de morte decorre o componente sádico do comportamento do indivíduo e o impulso complementar ao sadismo, o masoquismo, que é uma reversão do sadismo para o próprio Eu. Freud resume essa dinâmica instintual entre os instintos de vida e de morte na nota de número trinta e cinco, conforme trecho a seguir:

Com a tese da libido narcísica e a extensão do conceito de libido às células individuais, o instinto sexual transformou-se para nós em Eros, que busca impelir uma para a outra e manter juntas as partes da substância viva, e os instintos comumente chamados de sexuais apareceram como a porção desse Eros voltada para o objeto. Segundo nossa especulação, esse Eros atua desde o começo da vida e surge como “instinto de vida”, oposto ao “instinto de morte”, que se originou pela animação do inorgânico. (FREUD, 2010a, p. 177).

Freud propõe essa tese dualista da luta primordial entre dois impulsos contrários como uma hipótese para solucionar o enigma da vida. Será em seu texto monumental publicado em 1930, *O Mal-Estar da Civilização*<sup>7</sup>, que encontraremos a exposição mais fascinante dessa luta primordial entre Eros e os instintos de destruição,

---

<sup>6</sup> Freud, por vezes utiliza o nome de instintos sexuais para designar os impulsos que buscam preservar o estado vivente, por vezes utiliza o nome genérico do Deus grego do amor *Eros*.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010b.

nesse texto Freud apresenta o ponto mais sinistro dessa trama que envolve esses dois impulsos ambivalentes.

No início da vida psíquica o programa do princípio de prazer domina o desempenho do aparelho psíquico, contudo, seu programa entra em colisão com o mundo externo que se torna um bloqueio às suas metas. Sobre a pressão das possibilidades de sofrimento que atacam o organismo por todos os lados – a fragilidade do corpo, as necessidades do mundo externo e as relações sociais – o princípio de prazer sede lugar ao mais realista princípio de realidade. A tarefa de evitar o sofrimento põe de lado a meta de obter prazer, dessa forma, se alcança uma relativa proteção contra o sofrimento ao custo de sacrificar as potencialidades de fruição, sendo que a satisfação de um impulso selvagem é economicamente maior do que a proporcionada ao saciar um impulso domesticado pelo Eu. Um caminho mais radical contra o sofrimento é a psicose, o indivíduo que procede dessa forma coloca a realidade como a única causa do sofrimento, ele constrói uma imagem do mundo de acordo com o seu desejo e inscreve esse delírio na realidade.

Mesmo que a meta imposta pelo princípio de prazer seja irrealizável (FREUD, 2010b), os indivíduos não abandonam os esforços em torna-la menos distante. O caminho seguido irá variar de acordo com a constituição psíquica do indivíduo,

Aquele predominantemente erótico dará prioridade às relações afetivas com outras pessoas; o narcisista, inclinado à autossuficiência, buscará as satisfações principais em seus eventos psíquicos internos; o homem de ação não largará o mundo externo, no qual pode testar sua força. (FREUD, 2010b, p. 28).

A potencialidade de Eros para gerar prazer e evitar o sofrimento merece um destaque especial. A necessidade e a utilidade (vantagens e conforto obtidos pelo trabalho em comum) não são suficientes para ligar as massas humanas – é necessário um fator libidinal, erótico. Se a meta inicial do impulso sexual-erótico era unir dois organismos visando a procriação, esse impulso inibido na meta possibilita que a pulsão erótica seja desviada de sua meta originária e seja ampliada para todos os níveis das relações sociais. Esse “poder do amor” (FREUD, 2010b, p.41) se tornará decisivo para desenvolvimento da civilização.

A substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é um passo decisivo para o estabelecimento da civilização, na medida em que os membros de uma coletividade limitam suas possibilidades de gratificação – enquanto o indivíduo não conhece tal limite. Todos os membros de uma coletividade devem contribuir com o sacrifício dos seus impulsos primitivos para que a vida em civilização seja possível. No entanto, é o predomínio de atividades científicas, artísticas, ideológicas, etc. – aquelas que não estão imediatamente ligadas com uma necessidade biológica – que indicam um elevado grau de civilização. A sublimação – desvio das metas instintuais – é um traço distintivo dessa evolução cultural, é o caminho imposto pela civilização aos impulsos primitivos, pois, caso não fossem compensados economicamente poderiam gerar graves distúrbios.

Em oposição a esse impulso erótico – que visa preservar a civilização e unir em escala cada vez maior as pessoas – existe um impulso hostil à civilização. Para Freud (2010b), um “impulso à liberdade” surge em uma parcela dos indivíduos como uma revolta contra as restrições impostas pela civilização, decorre daí uma hostilidade desses indivíduos contra as exigências culturais. Aqueles impulsos que a civilização não conseguiu domesticar irão se voltar contra ela. Uma cruel agressividade se apresenta como um traço psicológico do indivíduo, em função disso, o próximo não será para ele somente um colaborador e objeto sexual, mas também um objeto para satisfazer sua tendência a agressão, “para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para tortura-lo e mata-lo” (FREUD, 2010b, p. 49). E quando essa tendência destrutiva não é devidamente reprimida pela civilização ela se espalha como um vírus que contagia rapidamente uma ampla parcela da população. O resultado é o estado de barbárie observado nos eventos mais tenebrosos pelos quais a humanidade já passou – genocídios, holocausto, terror, morticínios, Estados totalitários, etc. Devido a essa tendência a agressão, a civilização convive com uma permanente ameaça de desintegração, a pulsão de morte é o mais poderoso obstáculo à cultura.

Para evitar a desintegração, a cultura tem que recorrer a todos os meios possíveis e um dos métodos mais eficazes é incitar nas pessoas o impulso sexual inibido em sua meta. Recorrer ao poder de Eros talvez seja o meio mais eficaz de criar identificações entre as pessoas e estabelecer entre elas relações amorosas. Para Freud

(2010b), erradicar as desigualdades econômicas – acabando com a propriedade privada – ou abolir a família nuclear não será suficiente para conter essa indestrutível tendência originária à agressividade, ainda que, nas palavras do autor:

Acho que, enquanto a virtude não compensar já nesta vida, a ética pregará em vão. Parece-me também fora de dúvida que uma real mudança nas relações das pessoas com a propriedade será de maior valia, neste ponto, que qualquer mandamento ético; mas entre os socialistas esta compreensão é turvada por um novo desconhecimento idealista da natureza humana, e assim tornada sem valor para a aplicação. (FREUD, 2010b, p. 77).

Direcionar a agressividade para grupos minoritários específicos (gays, negros, judeus, ciganos, etc.) é um caminho que muitas culturas seguiram. Permitir que o impulso agressivo escape manteria a coesão interna daquele grupo majoritário. A essa hostilidade que se baseia em pequenas diferenças culturalmente inventadas Freud dá o nome de *narcisismo de pequenas diferenças*.

Na teoria de Freud, a oposição entre natureza e cultura é algo insolúvel. A cultura exige o sacrifício tanto da sexualidade quanto do impulso agressivo das pessoas, e, ainda que a sociedade passe por reformas que permitam uma melhor satisfação das necessidades pulsionais, há perigos que são inerentes à cultura – a *miséria psicológica da massa* é um dos perigos que merecem destaque especial. Segundo Freud (2011c)<sup>8</sup>, ao se fundir numa *massa psicológica* o indivíduo retrocede na escala da cultura, ele se torna mais instintivo, incivilizado, violento, pois, “a massa é impulsiva, volúvel e excitável” (FREUD, 2011c, p.18). A massa é guiada pelos instintos inconscientes cegos e nem mesmo os interesses de autopreservação podem frear seu ímpeto, em uma massa a noção de impossível desaparece para o indivíduo. A massa é acrítica, inclinada a todos os extremos e facilmente influenciável por uma individualidade com capacidade de liderança. O conservadorismo é um traço distintivo da massa que tem “profunda aversão a todos os progressos e inovações” (FREUD, 2011c, p. 21). A massa anseia por um líder autoritário, e até mesmo violento, que atenda seus desejos inconsciente de ser dominada

---

<sup>8</sup> FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e análise do Eu. In: *Obras completas volume 15: Psicologia das Massas e análise do Eu e outros textos (1920- 1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011c.

## **A LUTA ENTRE EROS E TÂNATOS**

e oprimida, ela é um rebanho que não pode viver sem um senhor. Todas as inibições dos impulsos primitivos realizadas pela cultura sobre o indivíduo desaparecem numa massa e as pulsões mais cruéis, brutais e destrutivas são despertadas. A distinção entre verdadeiro e falso não existe na massa, essas necessitam de ilusões, ideias logicamente contraditórias circulam sem problemas em seu imaginário. A realidade psíquica, criada pela fantasia, tem mais poder na massa do que a realidade objetiva.

Essa luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte irá selar o destino da civilização – rumo ao progresso ou rumo à desintegração total. A satisfação dos instintos primitivos é a fonte da maior gratificação possível para o indivíduo, satisfazer sua tendência a agressão é fonte de muito prazer para o indivíduo, no entanto, a satisfação dos desejos ligados àquela tendência primordial à agressão causam destruição, aniquilação, morte, genocídios, sofrimento para o próprio indivíduo e para demais membros da sociedade. Por isso, esse “perigoso prazer” não pode ser permitido pela sociedade. Por outro lado, o esforço buscado por Eros de ligar libidinalmente os indivíduos – integrando o indivíduo à comunidade – se apresenta como condição inevitável para alcançar a meta de felicidade estabelecida pelo princípio de prazer.

A luta entre indivíduo e sociedade não deriva da inconciliável luta entre os dois instintos primevos (Eros e Tanatos), portanto, essa disputa não é inconciliável como aquela. Para Freud (201b), a evolução cultural da sociedade está intrinsecamente ligada com a evolução cultural do indivíduo. No entanto, “o controle sobre o Id não pode ir além de certos limites. Exigindo mais, produzimos no indivíduo rebelião ou neurose, ou o tornamos infeliz.” (FREUD, 2010b. p.76), ou seja, a repressão pulsional tem que ocorrer dentro de certos limites, pois, uma repressão excessiva traz consequências que acentuam o conflito entre o indivíduo e a sociedade que o reprime.

### **A interpretação marcuseana da teoria das pulsões de Freud**

Em *Eros e Civilização*<sup>9</sup>, Marcuse faz uma interpretação da teoria psicanalítica de Freud, mais especificamente de sua metapsicologia. Segundo Marcuse, a análise das categorias psicológicas se tornou uma necessidade, na medida em que estas se converteram em categorias políticas e a existência pública do indivíduo absorveu sua vida psíquica interior. O filósofo se dedica então a produzir uma teoria política a partir das categorias psicológicas.

O sacrifício das pulsões primárias conduziu ao desenvolvimento da civilização, no entanto o progresso irrefreável trouxe consigo alguns dos mais tenebrosos eventos da história humana, campos de concentração, extermínio em massa, guerras mundiais e bombas atômicas não são, segundo Marcuse (2009), recaídas na barbárie, mas uma consequência da implementação das conquistas da civilização. No auge do seu desenvolvimento material e intelectual, a cultura<sup>10</sup> produziu a mais terrível destruição do homem pelo próprio homem. Estes aspectos negativos da civilização indicam o fracasso do projeto moderno do esclarecimento e apontam para necessidade da emergência de novas formas de civilização.

Para Marcuse (2009), as conquistas materiais e intelectuais da modernidade criaram as condições para abolição da repressão e a própria teoria de Freud aponta evidências suficientes para rejeitar a ligação que ele faz entre civilização e repressão. A civilização começa quando os objetivos pulsionais primários são desviados em sua meta originária. Mesmo Eros, se puder se expressar descontroladamente, “é tão funesto quanto sua réplica fatal, o instinto de morte” (MARCUSE, 2009, p.33). Os impulsos animais convertem-se em instintos humanos somente por meio da influência da cultura, ou seja, o processo sócio-histórico produz uma constante de transformação da natureza humana, da sua base biológica, instintual.

Como já vimos na primeira parte desse ensaio, o princípio de prazer é o que rege o funcionamento do aparelho mental desde o início da vida psíquica, no entanto, o traumático contato com o mundo externo, que se opõe ao desejo de gratificação exigido pelo princípio de prazer, introduz na vida psíquica o princípio de realidade. O princípio

---

<sup>9</sup> MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

<sup>10</sup> Marcuse utiliza o termo “cultura” em *Eros e Civilização* como sinônimo de “civilização”, assim como Freud utilizou em *O Mal-Estar na Civilização*.

de realidade não se opõe ao princípio de prazer, contudo, procura alcançar as metas de gratificação de forma mais “realista”. O indivíduo regulado pelo princípio de realidade apreende a renunciar ao prazer efêmero, incerto e destrutivo em prol de um prazer limitado, mas garantido. Todavia, segundo Marcuse (2009), o princípio de realidade não impõe uma alteração somente na forma e no tempo relativos ao prazer, mas na própria “substância” do prazer. Ou seja, por serem incompatíveis com as normas e relações estabelecidas da sociedade as metas de gratificação do princípio de prazer foram transformadas em sua “essência” pelo princípio de realidade. Essa nova organização do aparelho mental introduz a função da razão, o ser humano apreende a examinar a realidade, distinguir verdadeiro e falso, bom e mau, útil e prejudicial, etc., ele adquire as faculdades da memória e da atenção. Somente uma faculdade vai se conservar fora dessa nova organização do aparelho mental, a fantasia. Vinculada ao princípio de prazer, a fantasia é a única das funções do aparelho mental que permite a integral satisfação das metas primordiais de gratificação.

Sob a supremacia do princípio de realidade – devido ao esforço desse princípio em adequar o aparelho mental às exigências da cultura – os desejos humanos deixam de pertencer ao próprio sujeito, ou seja, seus desejos passam a ser determinados pela sociedade a qual ele se ajustou mimeticamente. Tanto filogeneticamente (desenvolvimento da espécie), quanto ontogeneticamente (desenvolvimento do indivíduo) o processo de subjugação do princípio de prazer pelo de realidade se repete, até que o princípio de realidade é materializado na cultura por meio de um sistema de instituições. No entanto, mesmo derrotado, o princípio de prazer mantém seus objetivos latentes no inconsciente.

A repressão externa, aquela imposta pela sociedade, é reproduzida pela repressão interna, pois, “o indivíduo escravizado introjeta seus senhores e suas ordens no próprio aparelho mental” (MARCUSE, 2009, p. 37). Ou seja, a repressão social está apoiada na autorrepressão, a luta contra a liberdade se processa no interior da vida psíquica do próprio indivíduo.

Essa alteração das metas de gratificação, gerida pelo princípio de realidade, tem um motivo econômico – a dilacerante luta pela existência. Nas palavras de Freud, citando Schiller, “a fome e o amor sustentam a máquina do mundo” (FREUD, 2010b, p.

54). Diante necessária produção dos meios materiais para reprodução da vida, o princípio de realidade modifica as metas pulsionais de Eros e direciona sua energia para o trabalho, pois, como não existe uma energia que impulsiona ao trabalho (atividade necessária, mas desprazerosa) a energia necessária para essa atividade tem que ser subtraída de Eros. Essa “eterna” luta pela existência seria, portanto, o fator que impede a conciliação entre as metas estabelecidas pela pulsão sexual e as exigências perpetradas pela existência social dos indivíduos, por isso, uma sociedade não-repressiva seria algo utópico na visão de Freud. Se no âmbito da cultura liberdade (não-repressão) e necessidade permanecem inconciliáveis, no nível do inconsciente a exigência de um estado no qual liberdade e necessidade não se oponham permanece viva. As exigências de felicidade (gratificação integral) continuam sendo reclamadas pelo eterno *retorno do reprimido*.

Segundo Marcuse, o dualismo presente na teoria pulsional de Freud oscila para um monismo que vai em duas direções diferentes: “Essa impossibilidade de descobrir na estrutura instintiva primária qualquer coisa que não seja Eros, o monismo da sexualidade [...] parece agora converter-se no seu oposto: o monismo da morte” (MARCUSE, 2009, p. 46). Ou seja, em certos momentos a teoria freudiana aponta para uma supremacia de Eros, em outros para uma supremacia dos instintos de morte. Segundo essa concepção monista, ambos impulsos (Eros e Tânatos) teriam um caráter conservador comum, ambos buscam diminuir a quantidade de excitação produzida sobre o organismo retornando a estados anteriores da vida orgânica – o mundo externo seria a fonte de perturbação e excitação que abala o estado de quietude do organismo. No entanto, os meios utilizados por cada uma dessas pulsões primárias são completamente distintos: Eros busca a quietude do organismo por meio de uma fusão deste em unidades cada vez maiores, enquanto Tânatos procura a quietude pelo aniquilamento do organismo e seu retorno ao estado inorgânico. Ou seja, os dois coincidem nos fins (retorno a um estado anterior), mas não nos meios. A busca de Eros seria a de retornar a um estado anterior no qual o organismo primitivo do qual derivou toda vida na terra encontrava-se fundido no todo, um *sentimento oceânico*<sup>11</sup> desse estado de fusão com o todo permanece vivo no inconsciente.

---

<sup>11</sup> Termo que Freud atribui a seu amigo Romain Rolland.

A ligação entre Eros e a pulsão de morte permanece difusa, pois, o ímpeto destrutivo teria uma finalidade “nobre” – alívio de tensão. O *princípio do Nirvana*<sup>12</sup> persegue a finalidade última de evitar a dor e o sofrimento, representando uma proteção contra os estímulos a “descida para morte é uma fuga inconsciente à dor e às carências vitais. É uma expressão da eterna luta contra o sofrimento e a repressão” (MARCUSE, 2009, p. 46). Nesse sentido, o instinto de morte age como o mercenário Antônio das Mortes, personagem de Glauber Rocha em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, que mata porque não suporta ver entre os sertanejos tanta miséria. O aniquilamento aparece como o meio mais rápido para acabar com o sofrimento.

A relação entre pulsão de morte e pulsão de vida se torna cada vez mais complexa na teoria freudiana. É preciso distinguir algumas sutilezas entre alguns conceitos fundamentais para podermos compreender melhor essa complexa relação. Segundo Freud (2011b)<sup>13</sup>, o *princípio do Nirvana* é uma tendência em manter o estado de excitação o mais baixo possível, em diminuir a tensão gerada por estímulos que se acham na psique. No entanto, este princípio, que pertence à pulsão de morte, experimentou uma modificação que o fez se converter em princípio de prazer. O prazer não está completamente relacionado com um alívio de tensão, pois existem tensões prazerosas – o “estado de excitação sexual é o mais claro exemplo de um aumento de estímulos assim prazeroso” (FREUD, 2011b, p. 186). O que difere uma tensão prazerosa de uma desprazerosa é uma característica qualitativa. Apesar dos princípios que regulam a psique atuarem em conjunto, ocasionalmente ocorrerão conflitos, pois há uma diferença nas metas estabelecidas. O *princípio do Nirvana* busca a diminuição quantitativa das tensões, o *princípio do prazer* busca um caráter qualitativo nas tensões e o *princípio de realidade* procura um adiamento da tensão prazerosa e a aceitação momentânea da tensão desprazerosa. Enquanto o princípio do Nirvana orienta ambas pulsões primárias (de vida e de morte), o princípio do prazer e o princípio de realidade regulam a pulsão de vida. A pulsão de vida tem a tarefa de tornar a pulsão de morte inofensiva, e ela faz isso desviando boa parte da energia deste para objetos do mundo

---

<sup>12</sup> Conceito de Barbara Low que Freud incorpora em sua teoria. Trataremos desse conceito no parágrafo a seguir.

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In: *Obras completas volume 16: O eu e o Id, autobiografia e outros textos (1923- 1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.

externo. Assim, uma parte da pulsão destrutiva é colocada a serviço da função sexual, esse seria o componente sádico de Eros – o prazer em dominar, em subjugar, em humilhar, etc. Outra parte dessa energia destrutiva permanece no organismo o que culmina na disposição masoquista<sup>14</sup> – prazer em ser subjugado, humilhado, amordaçado, maltratado, etc.

Marcuse (2009) propõe dois conceitos – *Mais-Repressão* e *Princípio de Performance* – para diferenciar mais claramente as nuances entre os fatores biológicos e histórico-sociais dos instintos, tendo em vista que a teoria freudiana não estabelece uma diferenciação clara dessas diferenças. A *Mais-Repressão* constitui a repressão estabelecida pelos interesses de dominação da sociedade, ela não tem origem na própria psique, mas representa uma restrição posta pelos interesses de dominação surgidos a partir das divisões sociais do trabalho e da luta de classes. O *Princípio de Performance* é a forma histórica predominante do princípio de realidade, esse princípio introduz no interior da vida psíquica dos indivíduos exigências de produtividade que vão muito além da produção da satisfação das necessidades materiais imediatas. Os modos de produção e as relações de produção impõem aos indivíduos uma performance para garantir sua autopreservação e essa imposição externa se converte em um princípio regulador da vida psíquica, os trabalhadores têm que produzir muito mais do que o necessário para satisfação de suas próprias necessidades, pois, estes não trabalham para si, mas para outro que é o proprietário dos meios de produção. Ou seja, as formas históricas predominantes de produção social determinam as formas históricas dominantes do princípio de realidade, pois esse princípio está sempre buscando adequar o aparelho psíquico ao mundo externo. Esses termos marcuseanos permitem distinguir com maior clareza o caráter sócio-histórico dos instintos.

Em uma sociedade orientada pelos interesses de dominação a dessexualização do organismo, a repressão da sexualidade, torna-se uma exigência social para que os corpos possam ser explorados como instrumento de trabalho. O princípio de prazer não foi subjugado somente porque era incompatível com o progresso

---

<sup>14</sup> Freud (2011b) distingue três formas de masoquismo: (1) erógeno, (2) feminino e (3) moral. O psicanalista não faz uma distinção clara entre as características do primeiro e do segundo tipo. O terceiro tipo (moral) se distingue dos outros porque nele o sofrimento é buscado de forma “universal”, não importa quem esteja infligindo o sofrimento, o que importa é sofrer, enquanto nos outros tipos há a condição de que o sofrimento seja infligido por uma pessoa com que se tenha um laço afetivo.

da civilização, mas, porque era incompatível com um modelo de civilização que está orientada nos interesses de dominação e exploração do trabalho. Essa dinâmica social que impõem uma repressão organizada socialmente (*mais-repressão*) sobre as pulsões eróticas implica, segundo Marcuse, numa tenebrosa dialética destrutiva: “as restrições perpétuas sobre Eros enfraquecem [...] os instintos vitais e, assim, fortalecem e liberam as próprias forças contra as quais eles foram ‘mobilizados’ – as de destruição” (MARCUSE, 2009, p.57). Ou seja, as restrições sociais impostas sobre a sexualidade enfraquecem a pulsão de vida, em consequência fortalecem a pulsão de morte.

Nessa sociedade orientada pelo princípio de performance os indivíduos que docilizaram seus corpos, que obedecem e cumprem ordens, que internalizaram a autoridade são minimamente recompensados. A sobrevivência fica condicionada à subserviência. O modelo de trabalho alienado imposto pelo princípio de performance que domina a sociedade exige uma mobilização total dos corpos para a atividade produtiva, os indivíduos não estão livres para desfrutar de momentos de prazer nem em seu tempo livre, pois, seu tempo de ócio requer um relaxamento passivo para recuperar as energias para o trabalho. Quando os níveis da produção social atingiram um patamar de superprodução e as forças produtivas puderam ser desmobilizadas por um maior período de tempo, o que gerou um aumento considerável do tempo livre, a indústria cultural é criada para administrar esse tempo livre dos indivíduos.

### **A potência de Eros e Tânatos para os movimentos revolucionários**

A potente energia gerada pelos impulsos destrutivos poderia ser canalizada para impulsionar os movimentos revolucionários que destruiriam organização social, econômica e política estabelecida e criariam uma nova forma de civilização? A poderosa energia dos impulsos de morte poderia ser utilizada para os objetivos de Eros? A utilização do impulso destrutivo tem sido muito útil para a civilização, na medida em que tem sido desviada “do ego para o mundo externo” (MARCUSE, 2009, p. 89) a destrutividade socialmente útil tem garantido o progresso da civilização, ou seja, o uso dessa energia destrutiva no trabalho penoso garantiu uma abundância de bens necessários (mas também de outros supérfluos) para existência. E ao ser direcionada contra a natureza, essa energia destrutiva tem conseguido dominar e subjugar o mundo

natural de forma a melhorar a qualidade de vida das pessoas – apesar de esse domínio sobre a natureza ter gerado danos ecológicos que talvez sejam irreversíveis e uma destruição progressiva do meio natural. Se essa energia destrutiva tem sido útil para o avanço tecnológico da civilização, será que ela poderia ser útil para, agindo sobre o controle de Eros, livrar as pessoas da dominação e da *mais-repressão*? Ou seja, ela poderia ser utilizada para criar uma sociedade não repressiva na qual as formas de gratificação sejam ampliadas, inclusive no trabalho?

Se fizermos um compêndio de todo material histórico sobre a civilização humana observamos que as formas de organização sócio-políticas, com exceção de alguns grupos tribais, eram fundamentadas em um regime de dominação, a supressão da liberdade alcançava o nível extremo de os indivíduos não serem proprietários nem mesmo de seus próprios corpos. Esses regimes de dominação vão se aprimorando ao longo da história, desde o domínio pessoal do pai primevo até o regime impessoal da estrutura dos Estados modernos. A dialética da civilização está assentada na seguinte dinâmica: *dominação-rebelião-dominação*, na qual sempre uma forma de dominação é substituída por outra forma renovada e aprimorada de dominação. Essa dinâmica está assentada em uma base psicológica na teoria freudiana, segundo a qual a abolição da dominação destruiria a própria civilização, pois, o regime de dominação estabelece um controle sobre as pulsões humanas – tanto as eróticas quanto as destrutivas – que seriam incompatíveis com a própria civilização. Em Marcuse encontramos um questionamento dessa dialética fatal, o filósofo questiona se o fim do regime de dominação seria o fim da própria civilização.

O desenvolvimento do organismo vivo na terra só foi possível porque a pulsão de vida subjogou a pulsão de morte. No entanto, o processo de desenvolvimento da civilização canalizou as pulsões sexuais para utilizar parte da sua energia na produção ampliada das necessidades materiais e reprimiu outra parte desse impulso sexual. Como a repressão excessiva das pulsões primitivas geram distúrbios nos indivíduos que impossibilitariam o funcionamento habitual da sociedade organizada, parte da energia daquelas pulsões foram desviadas para atividades que não afetem a performance produtiva dos indivíduos. No entanto, ao serem sublimadas as pulsões eróticas perderam seu poder de subjugar as pulsões agressivas, logo, perderam sua mais eficiente ferramenta para inibir o ímpeto destrutivo.

O fortalecimento de Eros é a mais eficaz defesa contra a ameaça de destruição representada pelo ímpeto agressivo da pulsão de morte. E para fortalecer as pulsões eróticas seria necessário que a organização social estimulasse as pulsões sexuais inibidas em sua meta, isso criaria vínculos afetivos entre as pessoas que inibiriam o potencial destrutivo das pulsões de morte. No entanto, a sociedade administrada na qual vivemos gerencia as pulsões básicas de forma a canalizar a energia destas para a performance produtiva, ou seja, para finalidade de obter lucro. Sendo assim, a única forma de estimular os impulsos sexuais para criar laços afetuosos seria destruindo a estrutura social historicamente estabelecida – destruir as instituições estabelecidas, a organização social e política estabelecida, o modo de produção e as relações de produção estabelecidas – criando uma nova forma de organização social orientada por Eros. Contudo, a energia erótica não é capaz de produzir a destruição, ela não possui um ímpeto para agressividade, por isso, seria necessário utilizar da força destrutiva da pulsão de morte para destruir a organização social, política e econômica vigentes. Nesse caso Eros direcionaria e utilizaria a explosiva energia dos impulsos de morte para atingir as suas metas. Como já abordamos anteriormente, as pulsões sexuais são capazes de desviar parte da energia destrutiva para seus propósitos. Estimular a agressividade, de forma que ela seja socialmente direcionada para destruir a organização que mantém a estrutura de dominação estabelecida, seria uma maneira da pulsão de vida utilizar o poder destrutivo da pulsão de morte para construir uma sociedade qualitativamente diferente, organizada a favor das metas de Eros.

Há três grandes fontes que causam o sofrimento humano segundo Freud (2010b): (1º) o mundo exterior hostil devido a força da natureza; (2º) a decadência e decomposição dos nossos corpos; (3º) as dificuldades em regular as relações humanas na família, na comunidade e no Estado. As duas primeiras têm sido amplamente atenuadas pelos avanços tecnológicos na agricultura, na engenharia, na medicina, etc. A terceira fonte é a mais complexa de ser solucionada, pois, seria necessária uma revolução que abolisse os interesses de dominação que perpetuam a existência social baseada no trabalho alienado, na *mais-repressão* e no controle privado dos meios de produção. Além disso, seria necessária não só uma revolução que alterasse a organização política e econômica, mas uma revolução que alterasse a própria cultura, que abolisse aquilo que Freud nomeou de *narcisismo de pequenas diferenças* – que são

pequenos preconceitos culturalmente inventados, por interesses políticos, para criar ódio entre as pessoas. Essa mudança na cultura permitiria criar laços de afeto e solidariedade mais sólidos entre as pessoas.

O grande problema em construir uma oposição ao sistema de dominação em que vivemos na atualidade é que ele se tornou cada vez mais impessoal, objetivo, universal e com um grau de eficiência nunca antes observado na história. A dominação se apresenta, contemporaneamente, de forma despersonalizada – camuflada como a “ordem natural das coisas” ela não é percebida como dominação. Diante de um sistema de dominação altamente sofisticado como este a servidão se converte – lembrando aqui do clássico *Le Discours de la Servitude Volontaire* de Étienne de La Boétie – em servidão voluntária. No clássico texto escrito no século XVI por La Boétie, o autor afirma que para se conquistar a liberdade basta desejar-la. O sistema de dominação autocrático exercido por um tirano a que se referia La Boétie era muito menos aprimorado do que o sistema institucionalizado impessoal dos dias atuais, no entanto, ainda vale a máxima proferida por La Boétie de que os servos são cúmplices do assassino que lhes matam, do ladrão que lhes roubam. E, assim como os servos da época de La Boétie criavam suas filhas para saciar a luxúria do tirano e alimentavam seus filhos para servirem ao exército do tirano, nós criamos e alimentamos nossos filhos para servirem de força de trabalho para aumentar os lucros dos “tiranos” da atualidade, a burguesia capitalista. E libertar sujeitos que não sabem que são escravos se torna uma tarefa extremamente difícil. E aqui a filosofia crítica encontra um dos seus papéis fundamentais, desvelar esse véu, essa nebulosa cortina de fumaça que encobre a clara visão dessa dominação materializada em um conjunto de relações de produção e trabalho e nas instituições sociais e políticas impessoalizadas.

Para acabar com o tirano, segundo La Boétie, não seria necessário pegar em armas e lutar contra ele, bastaria decidir não mais servir e escolher ser livre, somente não sustentar mais o tirano, sem os corpos e os bens de seus súditos sua base iria se deteriorar. Essa ideia lembra a *Grande Recusa* de Marcuse. Se recusar a jogar o jogo da afluência, se recusar a seguir o estilo de vida propagado por esse sistema. La Boétie se mostrou desesperançado em dar conselhos a um povo no qual a vontade de servir enraizou-se tão profundamente e o pensamento crítico atual se vê nesta mesma encruzilhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: *Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos. (1917-1920)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1923-1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In: *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *O Futuro de uma Ilusão*. Tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Renata Udler Cromberg. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- \_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo. In: *Obras completas volume 16: O eu e o Id, autobiografia e outros textos (1923- 1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.
- \_\_\_\_\_. Psicologia das Massas e análise do Eu. In: *Obras completas volume 15: Psicologia das Massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011c.
- LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da Servidão Voluntária*. [comentários] Pierre Clastres, Claude Lefort, Marilena Chauí; tradução Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.